

Como se aproximar da tragédia com o Césio-137, ocorrido na cidade de Goiânia em setembro de 1987?

Por um descaso da Comissão Nacional de Energia Nuclear e do Poder Público, um aparelho de radiologia, que deveria curar a população, ficou abandonado em um prédio em ruínas, e se transformou no foco de um dos piores acidentes atômicos da história.

Suzane de Alencar Vieira, nesta obra singular, aproxima-se desse fato pelo prisma das narrativas de diversos atores sociais, incluindo diálogos com as próprias vítimas, que se tornaram agenciadores primários da memória e da luta política e jurídica pelo reconhecimento de direitos.

Ela mesma, nascida em Goiânia, mas distante do local do acidente, vivenciou esse evento como fato narrado. São justamente essas narrativas que ela estuda aqui e que também são construídas por jornais, documentos oficiais, blogs, romances, filmes e vídeos, e ainda por fotografias e por obras de arte, como a impressionante "Série Césio", do artista goiano Siron Franco, também analisada.

O fato passado é imediatamente, para quem se aproxima dele, fato narrado.

Essas narrativas procuram dar forma ao sofrimento, elaborar o trauma, bem como desenhar identidades, como a do próprio grupo de vítimas.

Suzane ilumina também as reverberações místicas e religiosas dessas narrativas que tentam dar sentido ao inominável.

Como antropóloga, ela coleta suas fontes, mas sem sucumbir à armadilha da (falsa) objetividade, ela mesma transforma sua leitura interpretativa em narrativa, vale dizer, em performance, em dramatização. A autora se torna coautora do "fato", porque este agora é "fato narrado".

É desastre, desordem cósmica, ruptura que incide sobre milhares de vidas, trazendo morte e uma contaminação azul, a cor terrível e bela do césio-137.

O azul, que antes significava azul do céu e da paz, se metamorfoseou em azul-de-morte.

O evento é também uma catástrofe: literalmente, virada para baixo.

Suas narrativas têm a marca dos testemunhos: nascem de uma necessidade de simbolizar e da luta pela sobrevivência.

São as ruínas daquele abalo sísmico, partes truncadas de um quebra-cabeça impossível de se (re)construir.

A contaminação radioativa é contra-atacada pela contaminação das narrativas, que nascem como cogumelos.

Suzane as colhe, as reproduz, faz uma curadoria delas e, finalmente, cria a sua própria narrativa.

Esse é um drama necessariamente compassivo, mas não menos capaz de nos tocar, pela experiência que refaz e transmite.

É teoria narrada em primeira pessoa.

Se os agenciamentos políticos, científicos e jurídicos apenas aprofundam o caráter totalitário de nossa (bio)política, o tratamento antropológico, dramático, sensível, que vemos aqui, abre o fato para a construção de uma memória crítica, que não se enquistava.

Ele consegue dar visibilidade a essas vidas marcadas por uma série de exclusões: elas são parte da "vida nua", que é tratada como vida que pode ser descartada.

Exatamente como o aparelho radioterápico, que deu origem ao desastre, toda a técnica (atômico-nuclear) é revelada como meio de destruição e não de cura.

Esse relato dramático restitui a dignidade dessa população.

Ele nos contamina, estabelece uma ponte com a comunidade de sofrimento e nos transforma em parte desse drama.

Márcio Seligmann-Silva